

O conceito de Bioética como *Ética-da-vida* ou *Aionética*¹

Ursino Neto

Exercícios de ser criança

*No caminho, antes, a gente precisava
De atravessar um rio inventado.
Na travessia o carro afundou
E os bois morreram afogados.
Eu não morri porque o rio era inventado.*
Manoel de Barros

SUMÁRIO

- 1 Considerações preliminares
- 2 Resgate histórico do conceito de formação humana
- 3 A crítica de Friedrich Nietzsche como reviravolta conceitual
- 4 O desafio de produzir o conceito de um saber relacionando vida e ética hoje
- 5 Considerações finais

1 Considerações preliminares

Bioética é um neologismo, uma palavra inventada, proveniente e difundida a partir do ambiente acadêmico universitário norte-americano no início dos anos de 1970 para designar um novo saber.

No seu conteúdo, distintos significados foram postos expressando valores diversos que se materializaram no ensino de graduação e de pós-graduação nos mais variados cursos ao redor do mundo, principalmente, na área da saúde.

O que significa bioética? Geralmente, o significado de um termo é o que se designa ou se expressa na linguagem dizendo respeito aos signos presentes nele.

Sendo assim, por justaposição, bioética indica a perspectiva e o valor da relação entre *vida* e *ética*.

Entretanto, já foi esclarecido² que a denominação adequada seria biomoral porque, de fato, as correntes tradicionais consideram a bioética um saber atuante no conflito entre a aplicação da biotecnologia e a moral relativa à vida.

Os valores morais são constituintes da tradição de cada cultura, enquanto o avanço da tecnociência em biomedicina provoca impacto na sociedade e transforma a vida do indivíduo.

Porém, como estudado anteriormente³, o conceito originário do saber ético da Grécia clássica constituído no polo da dimensão do *Ethos* foi olvidado nas diversas interpretações de bioética.

Por isso, o módulo de *Bioética e Cidadania* da Faculdade de Medicina - UFC se pôs o desafio de produzir um novo conceito de bioética resgatando do oblívio o que foi esquecido.

¹ Texto didático para Equipe IV (graduação 2020.2): uma referência para produzir um *exercício de experiência ética*.

² Cf. O texto didático: *Ética é diferente de moral*.

³ Cf. O texto didático: *As fontes originárias da bioética e o desafio contemporâneo*.

Nós nos propomos investigar, pesquisar a dimensão do *Ethos* que na tradição do pensamento bioético está invisível ou, de fato, ausente.

De partida, se poderia questionar: como se forma o *Ethos* do ser humano? O caráter do indivíduo, a sua singularidade, o seu modo de ser?

A resposta sucinta indica a família, a religião, os grupos sociais como instâncias relevantes de formação; todavia, todos sustentados pelo campo da educação em seu projeto compreendido e designado como “formação humana”.

O sentido de educação é compreendido do latim.

Dois palavras expressam a sua origem etimológica: *educere* e *educare*.

A mais conhecida, *educere*, é uma composição de *ex* e *duco*, significando “fazer sair”, “extrair” que, por extensão, guardava o sentido de “tirar do ventre da mãe”, ou seja, “pôr no mundo”.

Sendo assim, educar é projetar, emular o aprendiz e, conseqüentemente, torná-lo capacitado para o mundo, promover a sua vida.

Já a semântica de *educare* é menos divulgada. Ela se liga ao âmbito da alimentação e destaca o parentesco de *ed* como raiz de *edere*, verbo que indica “alimentar” ou “dar a comida”.

A ideia está associada a um mito, ao nome da deusa romana *Educa*, cuja função era o ensino das crianças a alimentar-se ou o aprendizado da comida, da refeição.

Aqui se compreenderá esta interpretação originária de educar como oportunizar ao(à) estudante a condição da autonomia⁴, de propiciar o salto para a liberdade de fazer-se crescer, de potencializar-se, desenvolvendo o próprio valor da formação.

Em português, esta palavra é fruto de uma justaposição: forma como ideia conjugada à ação humana como gesto, como conduta de um ato realizado ou a efetivar; portanto, o seu sentido perpassa o campo ético.

Em linhas gerais, o conceito de formação humana perscruta dois polos: um estudo mais amplo que se denomina “formação em humanidades”, tendo como eixo condutor a educação.

E o outro direcionado à “formação profissional” que capacita o indivíduo para realizar uma tarefa social reconhecida.

Os polos não são excludentes, pois o tema abrange ambos.

O objetivo do texto didático é estudar, explorar, pesquisar um novo conceito de bioética como um saber relativo à formação do *Ethos* inserindo a relação entre vida e ética no contexto da formação humana para a vida.

2 Resgate histórico do conceito de formação humana

O que significa o conceito de formação humana para a cultura ocidental?

Uma resposta coerente só poderá ser obtida realizando uma investigação histórica porque com isso se desvela a *paidéia* grega e com ela a herança ainda hoje marcante na nossa educação.

Paidéia é um termo grego para o qual não se tem nas línguas contemporâneas um sinônimo preciso, pois quaisquer palavras empregadas como ensino, pedagogia, educação e até mesmo cultura, poderiam ser interpretadas como insuficientes.

Assim sendo, aqui se manterá a palavra grega originária designando o seu entendimento expansivo e abrangente de formação humana.

⁴ Minha reverência e agradecimento ao Patrono da Educação Brasileira: Paulo Freire.

Na *paidéia*, “a educação do Homem se constituía de acordo com a sua verdadeira forma, com o seu autêntico ser”⁵. Tal forma expressava o conceito grego de *ideia* significando a imagem do ser humano em sua validade universal e normativa.

Para os gregos, a essência da educação consistia na modelagem dos indivíduos pela norma da comunidade, da cidade, ou seja, da *polis*. Tratava-se, literalmente, de uma genuína política.

Tal concepção é muito mais ampla do que os conceitos de sujeito da modernidade ou de cidadão da contemporaneidade.

Platão foi o primeiro filósofo a sistematizar o conceito de formação humana.

Desde o grego arcaico, a palavra *zoé* designava vida. O étimo correspondia a um espectro amplo abrangendo tanto o fenômeno vida da natureza quanto a vida dos seres em geral (homens, deuses, animais etc.).

Entretanto, para expressar a intenção e a narrativa daquele acontecimento iniciado, instigado e promovido por Sócrates, isto é, o exercício do cuidado da alma interpretando o valor da própria vida, Platão inventou (ou tal invenção foi atribuída a ele) um novo termo conceitual inserido e difundido na cultura grega por intermédio da palavra *bíos*⁶.

O filósofo da Academia o empregou com o sentido de uma forma de vida modelo para o homem com a perspectiva de assinalar a conduta direcionada para atingir o Bem.

A partir de Platão, *bíos* será a vida qualitativamente diferenciada do indivíduo humano que intencionava atingir a “forma perfeita do ser”.

Aqui, no espaço do texto didático, só é possível registrar que Platão sustentou o seu pensamento na analogia com a medicina hipocrática, tomando-a como o modelo de “cuidado do corpo”.

Assim, o conceito de vida humana foi transformado da interpretação de um processo natural de vida (*zoé*) para a compreensão de uma unidade expansiva de perspectiva: uma forma consciente de vida (*bíos*) baseada integralmente no valor interior do homem⁷.

A tradição filosófica clássica, representada em Platão e Aristóteles, fundou o saber ético relacionando-o ao conceito de *bíos*, isto é, à forma de vida humana.

Daqui se depreende uma relação originária conjugando o plano da vida com a dimensão do *Ethos*, da forma ou do modo de ser.

Uma inferência poderia ser feita neste ponto concernindo à interpretação de tal entrelaçamento como uma bioética. Ou, na feliz expressão do professor Fermin Schramm: “toda ética é, antes, uma bioética”⁸.

Entretanto, no desdobrar da história tradicional da filosofia, desde a época dos gregos, o valor da forma de vida passou a ser justificado no campo metafísico, ancorado no peso da verdade.

Na Idade Média, isso ocorreu com o sustentáculo hegemônico da Igreja Católica Romana que imprimiu nesse valor o selo do absoluto com a interpretação da vida como um bem sagrado oriundo da graça, da dádiva benevolente de um Deus criador que se resume na expressão “sacralidade da vida”.

⁵ Cf. JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 14, 1994.

⁶ Nas línguas contemporâneas a palavra *bíos* foi transformada e reduzida a uma corruptela - *bio* - interpretada como vida em geral (por exemplo, biologia).

⁷ Cf. JAEGER, W. *Op. cit.* p. 537.

⁸ Cf. SCHRAMM, FR. *Toda ética é, antes, uma bioética*. Revista *Humanidades*; 34, pp. 325-331, 1994.

Com o advento da Modernidade, paulatinamente, foi sendo consolidado um acontecimento na cultura ocidental que ficou conhecido na literatura e na filosofia como *niilismo*.

Nesse contexto, a supremacia da ciência possibilitou um novo paradigma de valor relativo à interpretação da vida humana sendo adverso ao valor teológico da “sacralidade da vida”.

Com isso, foi instaurado um conflito moral irreduzível.

Entretanto, ainda hoje perdura a força característica da “sacralidade da vida” no domínio ou no controle sobre a vida agora investido de um biopoder matizado pela normatização do *status quo*.

III A crítica de Friedrich Nietzsche como reviravolta conceitual

Ao problematizar a cultura da sua época, Friedrich Nietzsche (1844-1900) se pôs ao avesso da tradição filosófica.

Relembrando, o pensamento ortodoxo estabelecia a forma de vida humana como uma substância que se vai moldando pelo *logos* (pensamento, razão) para atingir um fim idealizado por uma ideia prévia justificada na metafísica.

O filósofo alemão combateu esse modelo de filosofia apresentando a imanência da própria vida como o cerne da sua interpretação, problematizando o oculto no conceito de formação humana da transcendência suprema.

Com isso, se atinge o cerne da justificativa moral da tradição com os questionamentos: que força determinou o valor metafísico da vida, quais os seus interesses escondidos e, sobretudo, qual a relação entre a vida e o valor moral?

Para Nietzsche, a realidade, a cultura, a moral e o próprio “eu” eram relações de força. Consequentemente, o plano existencial da própria vida foi redimensionado como uma referência maior de “transvaloração” de todos os valores, estabelecendo um novo sentido para a humanidade.

Em um dos seus textos mais significativos, ele iniciou *Os discursos de Zarathustra*⁹ no capítulo intitulado *Das três transformações* escrevendo:

“Três transformações do espírito vos menciono: como o espírito se converte em camelo, e o camelo em leão, e o leão, finalmente, em criança. (...) O espírito de carga sobrecarrega-se de todas estas coisas pesadíssimas; e à semelhança do camelo que corre carregado pelo deserto, assim ele corre pelo seu deserto. (...) que falta faz o leão no espírito? Não será suficiente a besta de carga, que abdica e venera? Criar valores novos é coisa que o leão ainda não pode; mas criar uma liberdade para a nova criação, isso pode o poder do leão. (...) Para que será preciso que o altivo leão se converta em criança? A criança é a inocência, e o esquecimento, um novo começar, um brinquedo, uma roda que gira por si mesma, um primeiro movimento, uma santa afirmação. Sim; para o jogo da criação...”.

Para enfrentar a metafísica e o racionalismo clássico, ele buscou alicerce em um pensamento anterior ao modelo da tradição filosófica.

Quem Nietzsche encontrou como fonte de inspiração?

O filósofo pré-socrático Heráclito.

⁹ Cf. NIETZSCHE, F. *Assim falou Zarathustra*. São Paulo: Martin Claret, pp. 37-38, 2007.

Na imagem metafórica do seu texto, a figura poética da “criança-jogo” é um pensamento heraclítico: “O *evo*¹⁰ [*aión*] é um menino que brinca jogando dados: regime de criança”.

Para sintetizar, em Friedrich Nietzsche a forma de vida do homem é um broto, uma semente a germinar um novo tipo humano denominado *Além-homem* (*Übermensch*) pautado na autossuperação.

Daqui se compreende o principal valor da formação humana relacionado à autenticidade de viver a singularidade da vida, aquela única que se tem na imanência dela própria.

IV O desafio de produzir o conceito de um saber relacionando vida e ética hoje

Com o mesmo propósito de anteposição ao pensamento filosófico tradicional e seguindo na trilha de Nietzsche, esta pesquisa identificou em Heráclito uma antecipação do pensamento ético socrático ao escrever: “*Investiguei-me a mim próprio*”.

Heráclito foi o primeiro pensador a meditar sobre o campo ético, pois situou a prudência (*phronesis*) no mesmo patamar da sabedoria (*sophia*), com isso relacionando e fazendo conexão entre o conhecimento e os valores de orientação da vida humana¹¹.

Os textos heraclíticos conservados são compostos de fragmentos. Neles, a forma de escrita tem o estilo aforismático, não se constituindo em uma obra completa elaborada como um sistema, fato recorrente entre os filósofos a partir de Platão.

Ele foi um genial “físico” (filósofo da *Physis*, da Natureza) que contribuiu com uma ideia revolucionária sobre o cosmos, interpretando a realidade como uma transformação infinita e contínua em que todas as coisas brotam, fenecem e retornam.

Heráclito inventou o conceito de tensão entre o arco e a lira como um símbolo da harmonia dos contrários no universo.

A natureza é fruto de tensão oposta que se realiza na unidade em que “todas as coisas são um”.

Para o tema que se está pesquisando, a sua meditação de destaque é o Fragmento DK B119: “*Ethos antropoi daímon*” cuja tradução se escreve: “O caráter (*Ethos*) é o *daímon* do homem”¹².

Melhor se manter o termo *daímon* em grego, pois a tradução em “demônio” resulta em significado errôneo ao se associar imediatamente o pensamento àquela figura vulgarizada no catecismo dogmático religioso.

Daímon é um termo indo-europeu antigo, procedente da mística oriental órfico-pitagórica. Tratava-se de um ser de procedência divina que se instalava nos corpos humanos. Para aquela tradição, o *daímon* ao se conjugar com a alma garantia a imortalidade dela.

O aforisma de Heráclito ultrapassa a tradição órfico-pitagórica, pois a sua hermenêutica negava a entidade divina do *daímon* ao fazer dele um componente, um constituinte do caráter, do modo de ser humano: o seu próprio *Ethos*.

Compondo um plano de invenção com Nietzsche e Heráclito, além de agregar autores advindos de diversas áreas de humanidades (filosofia, literatura, artes plásticas etc.), agora já se tem as ferramentas necessárias para produzir o conceito de um saber relacionando vida e ética hoje.

O primeiro movimento é compreender o liame entre vida e ética como uma relação de pertencimento.

¹⁰ Na mitologia órfica, *evo* tem o significado de *Aión*, filho de Cronos, também chamado Dioniso.

¹¹ Cf. JAEGER, W. *Op. cit.* p. 225.

¹² Cf. VEGETTI, M. *A ética dos antigos*. São Paulo: Paulus, p. 124, 2014.

Nas línguas que se declinam (exemplo: grego, latim, alemão etc.) a relação de pertencimento, de posse ou de origem é um caso gramatical chamado *genitivo*.

Na interpretação do campo filosófico grego clássico, o *Ethos* é um pertencimento à interioridade (ética ou *genitivo subjetivo*) e o segundo *ethos* é um pertence da exterioridade (moral ou *genitivo objetivo*).

A língua portuguesa atual “perdeu” as declinações; entretanto, as preposições de, do(s) e da(s) expressam o correlato do *genitivo* (exemplo: o livro de João).

Para se indicar que a dimensão ética é um pertence da vida, a partir daqui se estabelece a grafia hifenizada para jungir ética e vida, ou seja, no lugar de bioética, se escreve *ética-da-vida*, pois assim transparece a coerência na linguagem e se resgata a origem do conceito de formação humana advindo do saber do *Ethos*.

O saber produzido na *ética-da-vida* elabora a formação do caráter, o modo de ser do indivíduo e a sua forma de vida como o próprio ato de viver a singularidade da potência da vida.

Ora, esta biopotência, este *conatus*¹³, esta energia, esta “força que perdura”, sendo uma intensidade da vida, exige outra designação distinta do termo *bíos* da tradição filosófica.

No contemporâneo, a compreensão ampliada de física quântica capta a relação entre o tempo e a biologia de modo instigante.

O tempo não é mais somente considerado o cíclico das quatro estações, o circular, o cronológico, mas compreendido também como uma forma pura, *espaço-tempo*. Talvez, se possa interpretá-lo como um intervalo, uma força de vida, ou melhor, uma imanência, um instante ou uma *vida-tempo*.

Daqui eclodiu a ideia de ressignificar a palavra vida com outra denominação implicando novo sentido e valor, ultrapassando o significado biológico da designação redutora, isto é, a corruptela *bio*.

Aión foi o termo escolhido, pois além de projetar uma nova perspectiva, ele também resgata um étimo arcaico da língua helênica que indicava uma percepção de tempo diferente do convencional *Chronos*.

A leitura de vida como *aión* possibilita um novo valor atribuído ao conceito de forma de vida porque agora a forma não é o modelo estático do Bem como o *bíos* de Platão, mas uma permanente transformação de si, um devir, uma invenção de si-mesmo.

Assim sendo, o saber contemporâneo que relaciona ética à vida por intermédio de parâmetros que ultrapassam os tradicionais bioéticos será denominado de *aionética*.

Ética-da-vida ou *aionética* é o novo eixo de interpretação da bioética que será elaborado e produzido no módulo *Bioética e Cidadania* da Faculdade de Medicina da UFC.

Ética-da-vida ou *aionética* é um saber ético relativo à dimensão do *Ethos* produzindo uma nova forma de vida para o século XXI e, coerentemente, também se hifenizará como *forma-de-vida*.

V Considerações finais

O século XXI exige uma nova *paidéia*, uma formação humana para a vida na “diferença” e não mais na identidade do “eu”.

A *ética-da-vida* ou *aionética* é o saber ético que tem o intuito de oportunizá-la almejando alcançar uma nova perspectiva de pensar a relação entre vida humana e ética como uma sabedoria de vida.

¹³ *Conatus* é um conceito de Benedictus Espinosa que será visto adiante em outro texto didático.

A ortodoxia do pensamento moral produz conforto, resignação com a própria forma de ser, passividade relativa ao amoldamento, ao engessamento da vida decorrente das regras institucionais, da normatização cultural ou das imposições do sistema econômico-social porque é um modelo prévio já estruturado, pronto, completo.

Entretanto, a formação humana no presente não se justifica mais no mesmo molde da *paidéia* grega, cuja institucionalização desaguou no tipo de ensino em que o saber é proclamado autoritariamente do alto da cátedra (do latim, *cathedra*; tradução, cadeira), implicando um lugar de privilégio: o topo da hierarquia do professor.

Ética-da-vida ou *aionética* recusa todo tipo de *saber-poder* arbitrário que enclausura a potência da *forma-de-vida* do(a) discente como se faz tradicionalmente.

Por isso, rejeita a designação de “cadeira” e acolhe o termo afetivo, carinhosamente inventado para designá-la: *tamborete*. Metáfora, mas também instrumento crítico, dispositivo de luta, de resiliência, de resistência ao biopoder. A sua função é propiciar o salto do(a) aprendiz para a liberdade.

O salto se efetiva por intermédio do PensArteCorpo como uma produção ou invenção de si-mesmo¹⁴.

Aionética é um saber com a dimensão de sabedoria. Em latim, sabedoria é *sapientia* e provém do verbo *sapere* em que se congemina dois significados: o de saber (conhecer em geral) e o de saber o sabor (conhecer a sensação do paladar)¹⁵.

De *sapere* vem *sapio*, a sensação do sabor que antecede o saber. Aquilo que se degusta ou se experimenta, como uma prova antes de conhecer; portanto, trata-se de sentir algo prévio à aquisição do saber.

Para nós, esta é uma lição relevante, pois aqui se ultrapassa a dissociação entre o conhecer e o sentir.

António Damásio¹⁶ o dirá com todas as letras na sua hipótese do marcador somático explicando como o ser humano adquire conhecimento.

Em suma, *aionética* é sabedoria, saber saboroso que se conhece não exclusivamente pelo intelecto; mas, sobretudo, mediante o corpo porque este é o mediador da experiência humana.

O novo conceito de bioética como *ética-da-vida* ou *aionética* interpreta o valor da vida como *autopoiesis*, um acontecimento da própria experiência vital que torna a ética um pertence literalmente “incorporado”, possibilitando ao ser humano uma natureza diferente como *forma-de-vida*.

Concluindo, *ética-da-vida* ou *aionética* é um saber de formação humana para a vida contemporânea compromissada com a última das “três transformações do *Zaratustra*” de Nietzsche, isto é, o “*tornar-se criança*” e se posiciona com uma proposta de ensino que nos desafia a problematizar e a experimentar um novo exercício tendo a vida como referência de aprendizagem ética com a perspectiva de produzir liberdade.

¹⁴ Cf. O texto didático: PensArteCorpo: o método para produzir o saber da *ética-da-vida* ou *aionética*.

¹⁵ Cf. ALVES, R. *Variações sobre o prazer: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

¹⁶ Cf. DAMÁSIO, A. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. 3º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.